

As outras, frases feitas ou expressões estereotipadas, limitam-se a conceituações de fatos, atitudes e problemas: "Meter-se em camisa de onze varas", "Ficar com a mosca atrás da orelha", "Não ter papa na língua", "Ficar no ora veja", "Comer alguém na faca" etc.

No levantamento das frases e provérbios, o autor usa como método a análise das expressões, de conformidade com o seu aparecimento na obra de Perminio Asfora. Se bem que muito mais trabalhoso, um agrupamento dessas frases em campos semânticos talvez tivesse dado ao seu estudo um caráter de maior uniformidade e coesão. Nessa fase do trabalho, limita-se mais a um estudo histórico-comparativo das frases e provérbios. Assim, muitas vezes filia esses mesmos provérbios aos seus protótipos lusitanos. Além disso, em cada ocorrência registra a sua interpretação e tece comentários, quer quanto aos aspectos semânticos, quer quanto aos culturais, que transparecem das mensagens. Muito pouco menciona no que tange à parte morfo-sintática, que poderia ter dado margem a um tratamento mais completo da matéria, caso tivesse sido estudada com mais profundidade. Todavia, o próprio autor é enfático ao afirmar que o objetivo do seu trabalho está mais voltado para um levantamento de dados, como subsídios a futuras pesquisas.

Com referência às frases feitas, parte da obra considerada pelo autor como a mais importante, e com justa razão, acrescentamos nós, o levantamento também e apresentado na mesma ordem de aparecimento no texto de Asfora. Aquil, também, a preocupação do Prof. Medeiros está mais presa à parte semântica interpretativa, embora dessa interpretação nos cheguem elementos importantes para uma análise morfo-sintática.

A parte final do trabalho é representada por um vocabulário selecionado de termos regionais, em ordem alfabética, mencionando o autor, em cada verbete, a página, ou as páginas, em que ocorrem na obra, além de transcrever toda a expressão de que faz parte cada termo. Esse glossário da linguagem nordestina é, na verdade, uma contribuição valiosa para os estudos de dialetologia em nosso país, uma vez que esse campo da pesquisa lingüística ainda se mantém muito pouco explorado entre nós.

De um modo geral, podemos dizer que a obra do Prof. Walter Medeiros, como levantamento de expressões e termos regionais, apresenta uma série de subsídios importantes para estudos e pesquisas nesse campo de atividade. Aponta, ainda, alguns caminhos inexplorados na pesquisa dialetológica, como o que se refere à pesquisa comparativa regional (p. 70), ou à paremiologia comparativa (p. 45). Embora não tenha validade quanto ao aspecto fonético, pois, como afirma o próprio autor, Asfora em sua linguagem mostra sempre a preocupação em corrigir, impossibilitando, assim, qualquer estudo sério nessa área, é de grande validade pelo levantamento criterioso e seguro que oferece, além da interpretação fiel que o Prof. Medeiros empresta às expressões, mercê do seu profundo conhecimento da região e da sua gente.

Está, pois, o Prof. Walter Medeiros de parabéns pelo trabalho apresentado que, sem dúvida, se tornará obra de consulta obrigatória para futuras pesquisas em estudos de tal natureza, contribuindo, assim, para a ampliação dos estudos dialetológicos brasileiros. — ORLANDO LOURENÇO FINUCCI.

RODRIGUES, Leda Maria Pereira — A INSTRUÇÃO FEMININA EM SÃO PAULO.
São Paulo, Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", 1962.

O tema central desta obra, afora o valor de seu conteúdo como contribuição ao estudo do papel da mulher na sociedade brasileira, é de um mérito indiscutível: pela escassez de informações disponíveis, pelo seu caráter pioneiro, pela competência com que é tratado.

Concordamos, assim, com o prefaciador do livro, o prof. Hélio Viana: "Enfrentando matéria de informação tão escassa, em que muitas são as fontes ainda praticamente inacessíveis, realizou trabalho pioneiro, por este motivo especialmente meritório, Madre Maria Angela C. R. (Leda Maria Pereira Rodrigues), em tese para o provimento da cátedra de História do Brasil da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras 'Sedes Sapientiae' da Pontifícia Universidade Católica de 'S. Paulo'".

A área de estudo, escolhida pela autora, em sua dimensão cronológica, vai do período colonial à República e, em seu aspecto geográfico abrange, principalmente, o Estado de S. Paulo. Ambas as esferas, no entanto, estão colocadas num panorama mais vasto onde se delineiam as características das várias épocas com suas implicações internacionais. Assim, é-nos oferecido o perfil da mulher no Brasil-Colônia e no Brasil-Reino, acompanhado de fatos históricos que transcendem em nossas fronteiras e buscam sua explicação em Portugal e em outras nações européas que tiveram influência em nossa história.

São de cunho realmente interessante os dados colhidos a respeito do modo como viviam as primeiras mulheres que aparecem em nossa história: "estritamente vinculadas ao lar, sendo, por essa mesma razão o principal elemento estabilizador da tradição domésticas, as cunhãs introduzidas na formação da família, vão adquirir os hábitos de reclusão importados pelos colonos portugueses". Aliás, era comum a austeridade de vida das mulheres portuguesas, afastadas de qualquer instrução, segundo observações deixadas nas obras de viajantes e escritores estrangeiros nos períodos dos séculos XVI e XVIII.

Sendo a instrução um privilégio concedido apenas ao sexo masculino, naquela época, encontramos, segundo as investigações de Alcântara Machado, trazidas pela autora, apenas duas mulheres que, no Brasil, sabiam assinar o nome: Magdalena Holskor, em 1627 e Leonor Góis Siqueira em 1699. A primeira era holandesa e recebeu instrução no exterior e a segunda se educara na Bahia sendo a primeira mulher a assinar um papel público. Aliás, os documentos da época traziam na explicação da ausência da assinatura das outorgantes a expressão: "por ser mulher e não saber ler".

Com o aprimoramento dos hábitos sociais pela vinda de João VI nos começos do século XIX aparecem os primeiros colégios particulares no Rio de Janeiro, dada a colaboração de senhoras francesas e portuguesas; mas, os primeiros núcleos de educação para a mulher, durante o período colonial, foram os conventos femininos os quais mereceram atenção particular no presente estudo, com informações detalhadas sobre os conventos coloniais paulistas de Santa Teresa, de Nossa Senhora da Luz e de Santa Clara. Sallenta a autora o fato extraordinário, na época, de se exigir na seleção das candidatas ao claustro, o conhecimento da leitura e da escrita, quando a quase totalidade das mulheres paulistas eram analfabetas.

Encontramos depoimentos interessantes e convincentes da época que vai da Independência à República, através de cuidadosa pesquisa junto a documentos manuscritos, principalmente dos Arquivos do Estado de S. Paulo. E é assim que percebemos a evolução da política educacional do governo referente à instrução feminina. São-nos apresentados, então, os primeiros debates sobre o assunto, na Assembléia Constituinte e a Lei Nacional de 1827 pela qual "haverão escolas de meninas nas cidades, vilas e lugares mais populosos em que os presidentes de província, em conselho julgarem conveniente este estabelecimento".

O estudo prossegue localizando mais particularmente o Estado de S. Paulo, oferecendo-nos a autora sólidas informações que nos permitem acompanhar o aparecimento das primeiras aulas de alfabetização, o progresso e deficiências das instru-

ção feminina, as escolas públicas de grau médio e o ensino particular nessa unidade da Federação. Em relação a este último aspecto são apresentadas algumas instituições dirigidas por Religiosas como o Seminário de Nossa Senhora da Glória e das Educandas de Itú, além de um capítulo em que analisa o desempenho das Religiosas diante da educação feminina.

Sendo a autora também uma Religiosa dedicada à educação da juventude feminina, deixa sua marca pessoal na elaboração do trabalho o que se percebe pela profundidade e entusiasmo com que este aspecto é apresentado, o que não dá ao estudo um cunho de subjetivismo porquanto mantém o mesmo nível de tratamento para os aspectos da instrução pública e particular leiga.

Assim podemos contar, através de mais esta obra de História do Brasil, com os elementos básicos para a definição do papel feminino na edificação desta mesma história. — MARIA THEREZA CAIUBY CRESCENTI.

COLEÇÃO "BRASILIANA" — Notícia dos volumes 189 a 200.

Vol. 189 — *Alfredo Ellis Júnior: Feijó e a primeira metade do século XIX.* 1940. 588 pp.

Reedição, simplesmente acrescida de um novo prefácio, do volume *Feijó e sua época*, publicação oficial da Universidade de São Paulo, na série de boletins editados pela Cadeira de História da Civilização Brasileira, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Embora não constitua uma pesquisa original, capaz de revelar novos aspectos da personalidade do grande paulista do Primeiro Reinado e Regência, representa, contudo, uma criteriosa utilização das fontes bibliográficas em torno da época de Feijó, dentro de um espírito classificado pelo próprio autor de "rigorosamente científico". A época do aparecimento do livro, não havia, com efeito, obra alguma, acessível, sobre o regente, pois os dois volumes de Eugênio Egas, nos quais Ellis Júnior muito se baseou, já estavam há muito esgotados, e o clássico livro de Otávio Tarquínio de Sousa só apareceria em 1942, tal como o de Victor de Azevedo, também deste mesmo ano. E de então para cá, não se avolumou muito a bibliografia sobre Feijó. A acrescentar, talvez, apenas o de Novelli Júnior, que é bem mais recente.-ONM

Vol. 190 — *Roquette Pinto: Ensaio brasileiro.* 1941. 244 pp.

Livro miscelânea, em que o autor reuniu numerosos escritos, sobre os mais variados assuntos, porém todos dentro de uma temática brasileira, alguns deles publicados anteriormente na imprensa diária. A primeira parte — *Glória sem rumor* — contém páginas dedicadas a Fritz Müller, Frei Leandro, Alberto Torres, Henri Morize, Tobias Moscoso, Amoroso Costa, Ferdinando Laboriau, Capistrano de Abreu, João Ribeiro, Carl von den Steinen, Emilie Snethlage, Manoel Bonfim, Claudio Manuel da Costa, Ferreira da Silva, Miguel Couto, Hartt, L. Agassiz e Orville Derby. A segunda parte — *Inspirações da terra* — compreende crítica de livros, com capítulos dedicados a Euclides da Cunha, Tobias Barreto, ao livro de George Raeders, D. Pedro II e o conde Gobineau e a algumas outras obras de divulgação científica. Numa terceira parte, o autor reuniu os discursos que pronunciou na Academia Brasileira de Letras na recepção de Afonso de Taunay e Miguel Osório de Almeida.-ONM

Vol. 191 — *Craveiro Costa: A conquista do deserto ocidental.* Introdução e notas de Abguar Bastos. 1940. 434 pp.